



NATAL ALGARVIO

Casa da Cultura António Bentes
S. Brás de Alportel
Biblioteca

Inv. N.º 2384

Cota N.º 5-5
42

Desenho de Carlos
Botelho, publicado
em "Correio do Sul"
de 28/Dez/57



O Natal impõe-se aos homens e aos tempos. Há razões, muitas razões justificativas, mas uma me parece importante: ao homem impõe-se aquilo que fala do homem, aquilo que o penetra, que o atinge profundamente. O Natal tem esse poder - toca-nos a todos e, por isso mesmo, realiza o prodigioso milagre da aproximação, da solidariedade, do amor e da paz. Aspiramos à vida, ao nascimento, à nos e a constante renovação. Queremos ser mais nós mesmos, ricos de potencialidades, obreiros dum projecto inesgotável que passe por uma forte sede de viver.

No Algarve como em toda a parte os homens são sensíveis a este projecto; no Algarve como em toda a parte os homens quiseram falar e perpetuar esta linguagem - a linguagem do Natal. E encontraram na poesia, na música e nos gestos mais simples que se fizeram tradição, as formas mais significativas de a exprimir.

Importa não destruir este legado, importa conservá-lo e, na medida do possível, comunicá-lo, para que ele se enriqueça e nos enriqueça também. Foi esta a intenção primeira do grupo organizador do NATAL ALGARVIDO. Muito mais haverá para transmitir, sobretudo a nível de teatro, mas o pequeno sabor deste ano vai certamente despertar nos algarvios que amam a sua terra e as suas heranças, novas iniciativas para o futuro.

João Pedro de Jesus Martins

NATAL ALGARVIO

NATAL minhoto, Natal de Trás-os-Montes ou Natal beirão, perante a recordação do maior acontecimento da História da Humanidade, o sentimento é o mesmo e a reacção é semelhante nas terras calidas do Sul !

Prepara-se carinhosamente o ambiente familiar para a festa da Grande Noite, ouve-se o repicar dos sinos para a Missa do Galo e ainda que aquele tenha, como em toda a parte, um sabor diferente de todos os outros repicares, falta, no entanto, ao Natal algarvio qualquer coisa que talvez seja apenas o conchego que a neve dá!

Enchem-se de cromos os mostruários das lojas, engrinaldam-se mesmo vistosamente as próprias ruas, arma-se o Presépio nas igrejas e mesmo em muitos lares - são notáveis, por alguns pormenores de figuração e pelo seu conjunto os que se faziam no Asilo de Santa Isabel e da Misericórdia de Faro e o que está permanentemente exposto em recinto próprio no Palácio e Jardim de Estoi -, em muitas casas entroniza-se logo o Deus-Menino, mas... noites por vezes tão calmas como as melhores de pleno estio - recolheram-se ainda não há muitos dias as mesas e as cadeiras das esplanadas dos cafés... - há algo de imponderável que confunde os espíritos e desperta as almas e que rouba à recordação do grande acontecimento o encanto íntimo que, de facto, tem.

O Natal, que, no admirável dizer de Júlio Dantes, há quem considere a festa, por excelência, da criança e em que outros vêem, não a festa do Filho, mas a da Mãe, não a apoteose da Criança, mas a da Mulher, é principalmente e antes de mais nada a festa da intimidade, a grande festa do Lar.

Todos, aliás, lhe chamam, e com razão, a Festa da Família.

Mas o Algarve é, sobretudo e sob todos os aspectos, o maravilhoso cenário próprio para os grandes espectáculos exteriores, para as grandes orquestrações de Luz e Cor. Dêem-lhe tudo quanto seja alicre, e não levem a mal que uma região que vive principalmente para as grandes exteriorizações, em que todos os verdes são intensos, todos os azuis têm volume, todos os vermelhos sabem a ocre e a púrpura e o branco é sempre constituído pelas próprias reverberações da cal - uma região que, aliás, se não mantém alheia e antes sente como qualquer outra os grandes acontecimentos da Cristandade -, possa dar à primeira vista a impressão de que não tem pela festa do Nascimento do Redentor - uma festa que está nas raízes do nosso próprio ser! - o culto tradicional que em outras terras lhe dedicam.

Fruto de uma maneira especial de ser; filho das próprias condições do clima, pouco propenso ao recolhimento e à meditação; resultado de uma forma de estar na vida, pouco dada ao ensimesmamento? Atraveço-me a dizer que sim.

O Natal é a festa da lareira, do cepo que arde pela noite adiante - quanto maior, maior será a seara -, enquanto lá fora a neve ou a própria chuva traçam filigranados nas vidraças. É, numa palavra, a festa do calor humano. É a festa dos que estão em casa e o Algarvio é dispersivo, adora andar na rua...

E posto que não falte, melhor ou pior, em quase todos os lares a

ceia própria, com os seus belos olores do lombo ou da linguíça assada e da carne de porco com amêijoas, os pratos escogulados de doirados fritos, por vezes escorrendo o não menos doirado mel, as fá-lhós, os bolinhóis, as empanadilhas de batata doce, as bolotas, as amêndoas, os figos, os pinhões, dificilmente se aguenta o calor do fogo conjugado com o calor interior da "medronheira", apetece mais o ir cantar para a rua e não há propriamente um Filho Pródigo que, fiel à história e obediente à lenda, nessa noite regressasse ao lar...

De uma Festa de Natal assim extravertida não há que estranhar que falhe a fama e que claudique um pouco a tradição.

Também por cá se cantam as "janeiras", mas é principalmente nas "charolas" que o Natal algarvio encontra o seu apontamento coreográfico e musical.

Vão os grupos de monte em monte, às vezes por alguns quilómetros em redor, cantando de sítio em sítio e principalmente em frente às casas que já sabem ou presumem que recebem bem e em que se sabe que está o Menino "armado" em seu trono, no qual os motivos decorativos são principalmente as clássicas flores de papel, as laranjas bem amaduradas e as bem formadas "cabeleiras" e em que a própria imagem divina em figurações diferentes se repete, desde o pequeno Presépio no primeiro plano, à altura dos olhos, e depois uma, duas, três vezes, tantas quantas haja em casa, em sucessivos degraus que se até ao tecto. E ao cair da tarde, transidas de cansaço e, vamos lá, por vezes também pelas sucessivas libações a que as diferentes visitas obrigaram, em sítio previamente anunciado, muitas "charolas" se reúnem e há concursos, combates, competições e despiques.

Lástima, sobretudo, que às "charolas" se vá dando por vezes o sabor de "estudentinas", introduzindo-se-lhes instrumentos musicais alheios e fornecendo-se-lhes letras e músicas de autêntico sabor revisteiro, com lamentável secundarização dos cantares próprios que nos falam do Deus-Menino.

Mas as "charolas" têm a que graça, a sua característica e o seu insofismável encanto e é ainda do nosso tempo as coisas não serem assim.

E recordo neste momento, com saudade, aquela tarde de Reis em que proporcionei a José Leite de Vasconcellos o ensejo de escutá-las pela primeira vez, ali pare as bandas de Moncarapecho, dos Quartins, do Norte e Sul, e de Alfandanga. E era vê-lo, o Mestre, entusiasmado, aos encontros da população, irreverente e irresponsável, de lápis em punho, a copiar os versos:

Pastorinhos largai o gado
Que esta noite é de alegria,
Pois nasceu o Deus-Menino,
Filho da Virgem-Maria ...

ou estes outros, bem mais belos e característicos, com a presença do Mar, sempre no cerne das manifestações algarvias:

- Ai, que lindo pescador!
Dos seus cabelos fez redes
Dos seus olhos fez anzóis ...

As filhós daquele Natal

O tempo, qual globo terrestre, é um novelo engrossando em cada hora. Um ténue fio de lã, os breves minutos, os dedos que acariciam e tecem, devagar, a lenta feitura do todo incomensurável que somos — tão serenamente humanos e imperfeitos —, o sucedâneo desdobrar de recordações, de acções passadas e presentes, que se esquecem e tornam a lembrar, — e eis-nos que vamos dobando a vida, em seu finito trajecto, à espera que o tempo, sempre incansável, evidencie que o magro novelo se extinguiu, e que já não somos deste mundo...

Deste modo, hoje, e porque se avizinha a Noite (de Natal) que o povo, cristãmente, respeita e consagra, vou desfiar um pouco o meu novelo da vida, e torno a voltar àquele tempo e espaço em que os acontecimentos tinham um valor simbólico, à beira do ritual que nos aproxima dos deuses, terrivelmente sagrados e, portanto, do tamanho imenso dos homens.

Eu era então uma criança.

Nessa noite, lá fora, trovejava com violência (na verdade, não nevava, contrariando o que os postais ilustrados usualmente nos ensinam). E nós — minha avó, meu primo e eu — estávamos sentados derredor da lareira, onde um grosso madeiro lentamente se consumia. Era Noite de Natal. Era Natal!

Meu primo (que a guerra matou sem ter percebido o ódio das armas) dissera-me que a avó havia feito filhós. Filhós! Por isso, dificilmente dominávamos a impaciência...

— «Então, avó, quando é que provamos as filhós?»

— «Calma, catraios! Não podemos comer as filhós enquanto durar a trovoada. O Menino Jesus não gosta de tempestades»...

Novo trovão foi a resposta. A chuva caía diluvianamente sobre o telhado negro. Por entre as frestas da porta que dava para o quintal, penetrava a súbita luz dos relâmpagos. Sômente o lume ardendo ofertava um pouco de alegria ao ambiente (faltavam ali os nossos pais, emigrados em países distantes, lá onde o Natal é tristemente frio).

— «Mas, avó, nunca mais acaba a tempestadel. Vamos pôr algodão nos ouvidos? Assim, já não ouvimos os trovões e a chuva, e podemos comer as filhós...»

— «Cala-te, catraio. Não digas blasfémias» — disse a avó, com um sorriso brando.

E de novo a expectativa. Finalmente coroada de êxito. E nunca as filhós tiveram tão bom sabor!...

Filhós daquele Natal: mais alguns fios no novelo da existência. Da minha existência. Porque o novelo da vida de meu primo a mina o destruiu num ápice; e a avó ficou sem forças perante a dobadura...

Filhós de Natal: um fio de tempo, um resto (ainda) de esperança...

crónica de
Sequeira
Afonso

(in "Rampa"
Dez/72)



Desenho de J. J. Leite, extraído do livro "Infância de Jesus" dado à estampa pelo rev. Padre João dos Santos Oliveira e reproduzido em "Correio do Sul" de 25/Dezembro/62.

■ CHAROLAS

As "charolas" são, no Algarve, as mais características manifestações do ciclo Natal - Ano Novo. Revivem ainda hoje na zona do Sotavento e, mesmo sofisticadas pela forma competitiva a que o povo chama "combates", conseguem transmitir-nos a alegria das Boas-Festas que outrora estes agrupamentos levavam de "monte" em "monte", de lugar em lugar ou de aldeia em aldeia.

Nos nossos dias homens e rapazes continuam a agrupar-se à volta dum pendão, graciosamente decorado, para cantarem em desgarrada e ao som de variados instrumentos, quadras alusivas ao nascimento, ao seu grupo e aos problemas que mais afligem a sua comunidade. O povo acompanha-os com "vivas" e aplaude-os. Vê nos "charoleiros" os porta-vozes do seu sentir e das suas aspirações mais profundas. Talvez nada se modifique, talvez tudo continue na mesma, mas debaixo da "piada" houve o desabafo, houve a inquietação, houve a proposta... São estes os melhores votos, é este o melhor Natal...

Neste "Natal Algarvio" colabora o grupo de "charolas" FLOR DA MÃO CIDADE, de Santa Bárbara de Nexe, a que pertence Cipriano José das Neves Lózinho. O grupo propriamente dito - os membros que voluntariamente o compõem - não cobra qualquer quantia pela sua actuação. Tem, no entanto, a seu cargo os músicos, profissionais, que em deslocações a outras localidades não vão além de seis.

Conhecemos um bom número de poetas algarvios e citamos até com bastante frequência João de Deus, Cândido Guerreiro e, ultimamente, António Aleixo. Mas é importante ir mais longe para não nos ficarmos na contemplação duns quantos nomes feitos ou no doentio bairrismo das citações...

O algarvio é essencialmente poeta e tem a sua poesia fixada no "maravilhoso livro da vida". É preciso penetrar no seu temperamento para se perceber isto; é preciso saber escutar o diálogo íntimo que o seu coração estabelece com o dia a dia da sua existência para se encontrar o poeta das longas melopeias ditadas ao mar, aos céus, à lua, às pedras ou aos ventos...

João de Deus, Cândido Guerreiro, António Aleixo, são, entre outros, alguns expoentes desta estranha linguagem que transfigura a vida para a fazer mais vivida. Mas todo o algarvio é poeta... É por isso que o pescador sabe os segredos do mar e dos ventos; é por isso que o agricultor da serra ou do barrocal percebe o canto das aves, o aviso do sol e o rosto da lua; é por isso que nas noites de sossego, no poial das casas ou no parapeito das eiras, nascem versos enigmáticos, enormes, quase lendários, versos que se perdem nos tempos e na noite, mas que assumem o vigor das palavras sérias, penetrantes, firmes...

O MENINO DEUS

romance tradicional publicado no "Romanceiro e Cancioneiro do Algarve", de Ataíde de Oliveira.

Um pastor vindo de longe
À nossa porta bateu;
Trouxe recado que diz:
Lo Deus Menino nasceu.

Este recado tivemos,
Já meia noite seris;
Estrelas do céu, lá vamos
Dar parabéns a Maria.
Mas que lhe henos de levar,
A um Deus que tanto tem?
- Ainda que muito tenha
Sempre gosta que lhe dêem.
- Eu lhe levo um cordeirinho,
Lo melhor que eu encontrei.
- E eu levo um requeijão,
Lo melhor que eu requeije.
- Pois também eu aque levo,
Fofinhos, pra lhe oferecer,
Bons merendeiros de leite,
Fafo de mel pra comer.
- Vamos ter com mais pastores,
Não se percam no caminho.
Vamos todos, e depressa,
Adorar lo Deus Menino.
- Vinde também partorinhos,
Vinde, correi a Belém;
Vinde visitar Maria
Que divino filho tem.
- Esta noite é Santa noite,
Inda assim, mesmo tão fria;
Vamos todos a Belém
visitar Jesus, Maria.

- Ai, que formoso Menino;
Ai, que tanta graça tem!
Ai, que tanto se parece
Com sua Senhora Mãe!

A CAMINHO DE BELÉM

Publicado do "Romanceiro e Cancioneiro do Algarve", de Ataíde de Oliveira.

Quando S. José partiu
e mais a Virgem Maria,
andavam tanto de noite
como pia força do dia.
Quando chegaram a Belém,
já toda a gente dormia;
viram uma lapa aberta,
entrou a Virgem Maria.
São José foi buscar lume,
porque lume não havia;
quando São José voltou,
já o Menino nascia.
Uma mula o destapava
com a sua ferradura,
Mas o boi logo o tapava
com a sua cornadura.
Maldita sejam, ó mula,
e mais essa ferradura,
serás malina para sempre,
não parirás criatura.
Bendito sejam, ó boi,
as terras farás dar pão:
cada trigo dê um cento
e cada cento um milhão.

(popular)

N A T A L

por Emiliano da Costa

Cheira a jeitos e mel - água na boca...
As asass da noitada, gênios maus,
Varrem as ruas, as folhas nos degraus,
Nos espojinhos duma dança louca

Cheira a fritos. Natal. Tudo se invoca...
Febricitante nos quarentas graus,
Dentro do c,erebro em revolto caos
Toca à missa do galo...toca...toca...

Delírio de alegrias, alaridos,
Labirínticos sinos nos ouvidos,
- Febre a quarenta graus, abrasamento...

E cheira a fritos...d'outrêm: ofertando
Irrisões, parras secas farfalhando
Como filhós, aos pontapés do vento.

N A T A L

por João Brás

Brilhante, no céu torvo, a Estrela de Oiro
Pairou sobre o Presépio abandonado
Onde nascia um Deus, pálido e loiro,
Que havia de ser crucificado.

Mais tarde, em certa casa que um besoiro
Negro encheu toda de um pavor alado,
Sob um signo de assombro e mau agoiro,
Nasci eu - um poeta amargurado...

...Agora, p'lo Natal, com a lembrança
Mais viva dos meus dias de criança
Vem uma angústia que se não traduz...

E vsjo minha mãe, por mau destino,
Embalando nos braços um menino
Para o dar, como um Deus, a uma cruz!...

*Linóleo do Arq. Vímara de Braga, que foi arquitecto da Câmara de Faro; publicado por várias vezes nos jornais "Folha do Domingo" e "Correio do Sul".
(dimensões originais 16,0 cm X 8,0 cm)*



■ TEATRO

A PRÁTICA DOS TRÊS PASTORES

Azinhai Abelho recolheu este auto de tradição oral em Loulé e em Tavira e incluiu-o na sua antologia "Teatro Popular Português" (vol. VI - ao Sul do Tejo, Edit. Pax, Braga, 1973), no capítulo dedicado ao Teatro Popular no Algarve. E explica:

" Teófilo Braga regista este PRÁTICA DOS TRÊS PASTORES, com a autoria de Fr. António da Estrela e a data de 1626.

De tal forma e tanta vez se representou que o povo, esquecendo a autoria, reteve o texto e Athaide de Oliveira fixou-a na monografia do concelho de Loulé, atribuindo-lhe a autoria de Domingos Carneiro, conforme um exemplar adquirido num alfarrabista. "

São personagens deste auto um anjo e três pastores: Lourenço, Rodrigo e Silvestre. Este último, que dormia quando o anjo deu a boa nova aos outros dois pastores, não queria acreditar no nascimento do Menino, argumentando com expressões bem pitorescas. O auto termina com os três pastores adorando o Menino.

■ IMPRENSA DE NATAL

A grande antologia da poesia algarvia de Natal temo-la, sem dúvida, dispersa pelos vários jornais algarvios saídos nas semanas 20-27 de Dezembro de cada ano: "Correio do Sul", "Povo Algarvio", "Folha do Domingo", "Voz de Loulé"...

Um caso, porém, parece-nos digno de menção especial: Virgínio Pires (Tavira, 4/6/09 - 13/10/74), nos 20 anos em que dirigiu o seu "Povo Algarvio", sempre escreveu e publicou naquele jornal um novo poema por Natal. Ele próprio declararia, no soneto publicado em 1970:

" Nessa noite sagrada de vigília
Eu invoco os amigos e a família
Enquanto Deus quiser, todos os anos. "

O poema que a seguir reproduzimos, não sendo o mais belo que escreveu, tem, no entanto, o sabor de ser, ao que pensamos, o seu último poema de Natal.

É NATAL!

*Pairam murmúrios no ar,
Vagidos de criancinhas,
É o Natal a chegar,
Jesus Menino a chorar
Na choupana, entre as palhinhas.*

*Quadro de encanto e magia
Que a gente vê renovar
Nesta quadra de alegria,
Pra quem sente a nostalgia
Do aconchego do lar.*

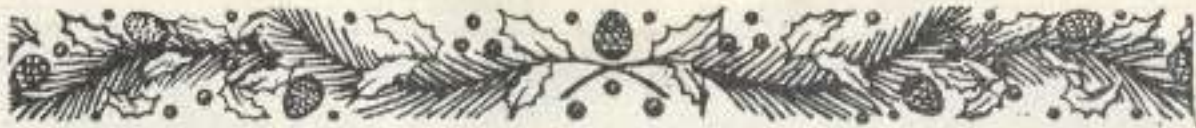
*Ai! Quem sente essa ventura,
Que é espelho do sentimento!
Vive na doce candura
Que do berço à sepultura
Nos segue em cada momento.*

*Quadro de maternidade!
O presépio de Belém
É cenário de humildade
A mostrar a humanidade
Todo o poder que Deus tem.*

*Na terra repicam sinos
Nas torres da catedral!
Pastores entoam hinos,
Há astros com tons divinos,
Porque é Noite de Natal.*

*Natal! Símbolo de amor!
Um sonho das horas calmas!
Cada vida é uma flor,
Que desabrocha ao calor
Que exala das nossas almas.*

**POR
V. PIRES**



■ JOGRAIS DO CORO DO CONSERVATÓRIO REGIONAL DO ALGARVE

Jograis eram, na Idade Média, homens que, "vagabundeando de terra em terra, iam, acompanhados de qualquer instrumento, cantando os feitos heróicos que mais podiam impressionar as multidões" (1). Conhecidos também pelas brincadeiras com que animavam os ócios palacianos e os ajuntamentos populares, encontram-se sobretudo ligados a uma preciosa tradição lírica notavelmente documentada nos nossos cancioneiros medievais.

Foi a sua ligação à poesia que inspirou, no nosso tempo, diversos grupos de declamadores como o "grupo de Jograis do Coro do Conservatório Regional do Algarve". Formado no princípio do ano de 1977, em Faro, conta actualmente com 8 elementos todos jovens que, cultivando diferentes géneros de poesia de autores portugueses e brasileiros, dão especial relevo à poesia de poetas algarvios.

Têm colaborado em diversas sessões culturais, dentro e fora do Algarve, muitas delas integradas em audições do Coro a que pertencem.

Constituição do Grupo: Paulo Jorge Barreto Gonçalves Moreira, Luís Filipe Elói Aleluia, Ana Maria Rosa Martins, Dina Paula Pessanha Medeiros Henriques, Jorge Marçal Fialho dos Santos Varela, Francisco Alves Carapucinha, Maria dos Mártires G. Sancho e Ana Vitória Domingos de Mendonça.





■ GRUPO CORAL DE LAGOS

Nos primeiros meses de 1976 um grupo de entusiastas reuniu-se em torno do actual regente padre José Maria Pedrosa Cardoso com o fim de fazer realidade a secção "Grupo Coral" do Centro Cultural de Lagos, iniciativa nascente da Filarmónica 1ª de Maio. Eram cerca de 30 vozes, na maioria femininas, que no dia 29 de Junho desse ano, num concerto realizado em Lagos pelo Coro do Conservatório Regional do Algarve, davam um primeiro arde sua graça, um tanto timidamente, mas com uma promessa firme de vozes mais altas.

Muitas outras pessoas pediram admissão ao coro, vindo o GRUPO CORAL DE LAGOS a actuar, já, com música de Natal, na festa dos Bombeiros Voluntários de Lagos, no cinema da cidade, e nalgumas mais. Deu novo contributo na comemoração do 25 de Abril, já este ano, e viu a sua primeira consagração num Festival de Coros, ocorrido em Lagos, em 10 de Junho. Actuou, ainda, em Portimão, Barão de S. João, Praia da Luz, Ferragudo e, por fim, de novo em Lagos, no dia de S. Gonçalo, num serão em que participou também o Grupo de Estudos Algarvios.

O Grupo Coral de Lagos é actualmente um grupo de 52 pessoas de idades diferentes. O seu repertório é intencionalmente variado: canção moderna, canção popular tradicional, música clássica, música de ópera, música de ritmo, etc. Será ainda intencional a sua preferência pela música coral acompanhada, a piano. Esta será, talvez, uma certa nota original na experiência musical do Grupo Coral de Lagos.

O maestro do Grupo Coral de Lagos, padre José Maria Pedrosa Cardoso, natural de Guimarães, frequentou diversos cursos de Pedagogia e Didáctica Musicais de Edgar Willems, os Cursos de Moderna Pedagogia de Jos Wuytack e ainda os cursos intensivos de Direcção Coral da Fundação Gulbenkian, tendo estudado com os maestros Michel Corboz e Pierre Salzmann. Participou na fundação do Coro da Sé do Porto. Fundou e dirigiu durante 4 anos o Coro Redentorista de Cristo Rei, V.N. Gaia, com o qual gravou para a RTP a Cantata do Terceiro Mundo e a Gospel Night "Vers l'homme". Residente em Lagos desde Setembro de 1975, aderiu desde o primeiro momento às secções musicais do Centro Cultural de Lagos. Da sua capacidade e dedicação nasceram a Escola de Música da Filarmónica 1ª de Maio e o Grupo Coral de Lagos.

■ CANÇÕES DE NATAL

ROXOZINHO

Versão Popular algarvia, cantada na Missa do Galo. Em 1950 pertencencia ao repertório do coro da igreja de S. Sebastião, de Lagos. Hoje ainda se canta em Alcantarilha.

BOAS FESTAS

Canção de origem antiquíssima, séc. XII (?), recolhida por M. Giacometti e Lopes Graça, em Estombar.

ROXOZINHO

1. Roxozinha que estás deitado
Em palhinhas, Deus Infante!
Ah! quem viu florir no Prado
Bot'rozinho mais galante? (bis)
2. Reclinou-se a mãe formosa
Reclinou-se a Deus Infante!
Ah! quem viu mais fresca rosa,
Bot'rozinho mais galante? (bis)
3. Ó meu Menino Jesus
Nós vos vimos adorar
Já lá vem o sacerdote
Já vos estão a beijar! (bis)
4. Entrai, pastores, entrei,
Na lispinha de Belém,
Adorai o Deus Menino
Que nasceu p'ra nosso bem! (bis)

BOAS-FESTAS

1. Vimos dar as Boas-Festas,
Vimos dar as Boas-Festas,
Já que Deus se nos deixou,
Oh, já que Deus se nos deixou!
2. É nascido um Deus Menino,
É nascido um Deus Menino
De manhã se baptizou,
Oh! de manhã se baptizou!
3. Depois dele baptizado,
Depois dele baptizado,
Nesse tão humano dia,
Oh, nesse tão humano dia!
4. Para a glória foi levado,
Para a glória foi levado,
Com prazer e alegria,
Oh, com prazer e alegria!

Roxozinho (popular)

Arr. - Du. Sequeira

SOP.
ALTO

1. Ro-xo-zinho q. estás dei-ta-do em pa-

TENOR
BASSO

lhi-nhas, Deus In-fan-te! Ah! quem viu flo-rir no

(POPULAR
DO ALGARVE)

ARR. O.
DA SILVA

1. Linda noi- te de Na- tal noi- te
2. Ca- mi- nhavas pa- ra Be- lém pa- ra

SOP
ALTO
TENOR
BAIXO

Solo
B.F.

LINDA NOITE

Popular do Algarve canta-se na quadra de Natal, durante o "beija Menino". Foi recolhido em Alcantarilha e Santa Bárbara de Nexe. A música para o coro tem arranjo do Pe. David Sequeira.

JANEIRAS

As quatro primeiras estrofes foram recolhidas por Fernando Lopes Graça na freguesia do Alferce. A

quinta estrofe foi acrescentada com base numa recolhida feita por Francisco Xavier de Oliveira e transcrita na sua obra: "Romanceiro do Algarve", 1905, p. 151. Note-se a diferença linguística de "passare" e outras formas infinitivas das primeiras estrofes e a forma normalizada, "cantar", da última estrofe.

JANEIRAS

1. Esta noite é de Janeiras,
É de grandes merecimentos,
Por ser a noite primeira
Passou Deus tantos tormentos.
2. Tormentos que Deus passou,
Foi porque os quis passare.
Suas carnes lhe cortarem,
Suas carnes deixou cortare.
3. Seu sangue lhe derramarem,
Seu sangue "dixou" derramare.
Esses três pingos de sangue,
Quem nos pudesse alcançare.
4. Da "promeira" fez o pão,
Oh, que sagrado manjare!
E as outras que lhe ficaram
E p'ra nós todos salvarre.
5. As Janeiras não se cantam
Mas nós vimos-las cantar,
Pedindo anos melhorados
E longa vida gozar.

LINDA NOITE

1. Linda noite de Natal,
Noite de grande alegria,
Cominhava São José
Mais a sagrada Maria.
2. Cominhavam para Belém
Para chegar de dia,
Mas quando eles lá chegaram
Já toda a gente dormia.
3. Batarem a todas as portas,
Mas ninguém lhes escudia
Forem dar a uma choupana
Onde o boi bento dormia.
4. São José foi buscar lume,
Ficou rezando Maria,
Mas quando José voltou,
Já o Menino nascia.
5. Ficou a Mãe sempre virgem
Sem saber o que fazia
Lançou as mãos à cabeça
Do seu manto que trazia.
6. Fê-lo em quatro bocados
O Menino que cobria.
Com lágrimas dos meus olhos,
Filho, eu te levaria!

■ PADRE JOSÉ PEDRO DE JESUS MARTINS

Nasceu em Lagos, em 1942, e foi ordenado sacerdote para o serviço da diocese do Algarve em 29 de Junho de 1970. Fez estudos filosóficos e teológicos nos Seminários de Almada e Oliveiras e completou o seu curso de Teologia no Instituto Superior de Estudos Teológicos, em Lisboa.

Pertenceu à "Scholae Cantorum" dos seminários que frequentou, onde também recebeu as bases da sua formação musical e, de 1970 a 1974, foi professor de música e responsável pela Polifonia do Seminário de Faro. Participou em vários cursos organizados pela Fundação Gulbenkian e pelo Centro de Estudos Gregorianos de Lisboa, é membro da Comissão Diocesana de Liturgia e Música Sacra, responsável pela animação musical da Sé de Faro e autor de numerosas composições e harmonizações de carácter litúrgico e popular.

Em 1973 foi convidado para formar e reger o Coro do Conservatório Regional do Algarve que, presentemente, dirige.



Uma edição do

NATAL de 1977



GEA

GRUPO
DE ESTUDOS
ALGARVIOS

EDIFÍCIO DA CÂMARA MUNICIPAL LAGOS

Com o patrocínio da

CÂMARA MUNICIPAL DE LAGOS

E DA COMISSÃO REGIONAL DE TURISMO DO ALGARVE



Direcção: Padre José Pedro de Jesus Martins

Arranjo Gráfico: Cristiano Cerol

Impressão: Costa & Silva, Lda - Calvário

Capa: "A Natividade" - gravura em madeira de Manuel Cabanas, publicado em "Povo Algarvio" de 25/Dez/49



GRUPO DE ESTUDOS ALGARVIOS